

RELAÇÕES ENTRE LITERATURA, CINEMA E ENSINO

Nyeberth Emanuel Pereira dos Santos (PósLe-UFCG)

nyeberth_cg@hotmail.com

Josilene Pinheiro-Mariz (orientadora – PósLe-UFCG)

jsmariz22@hotmail.com

Introdução

Enquanto processo de adaptação para o cinema, a literatura sempre foi foco de várias discussões; algo que não data de hoje, pois Virginia Woolf, desde os anos vinte do século passado, por exemplo, já criticava uma das adaptações fílmicas de *Anna Karenina*, romance do russo Leon Tolstói, afirmando que o cinema parasitava a literatura ao não inventar ele próprio as suas histórias. Logo, para Woolf o cinema deveria procurar sua especificidade particular para se estabelecer como arte autônoma.

Todavia, discussões como a supracitada não supõem a significação do próprio termo adaptação, que segundo o dicionário Aurélio (2000) designa algum texto modificado, adequado ao público ou transformado em peça teatral. Logo, poderíamos concluir que a adaptação fílmica constitui-se da releitura de um texto, transformado em filme (seja ele curta ou longa metragem), segundo a interpretação do seu diretor. Esta noção inicial se reafirma ao tomarmos como base a teoria da tradução inter-semiótica ou transmutação, de Jakobson (2007), a qual consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais.

A partir de tais considerações, trazemos para este trabalho discussões sobre a adaptação fílmica como um elemento paratextual importante para a leitura de uma obra literária. Partimos da noção de palimpsestes, de G. Genette (1984), para quem tudo o que se sabe, se ouve ou lê antes de adentrar à leitura da obra literária é um elemento paratextual. Esta noção, somada ao trabalho da tradução inter-semiótica, potencializa o estudo da obra literária enquanto elemento dotado de imagens, significações, além de propiciar o prazer pelo estudo do texto.

Além de conferir aos alunos informações, sobre o texto literário, que facilitam a sua compreensão, este tipo de estudo dá suporte aos alunos para apreciação da sétima arte e os orienta para que se subtraíam as discussões do tipo “o filme é melhor ou o filme pior que o livro”; “prefiro o livro ao filme, porque o filme sempre deixa a desejar”, pois, nos domínios da adaptação, tais discussões são irrelevantes, já que falamos aí de dois meios de comunicação completamente diferentes e com linguagens próprias.

Além de percebermos no filme as possibilidades de trabalho acima relatadas, encontramos em tal suporte um meio dialético de se facilitar a apreensão da linguagem literária, pois o cinema, ao “reinventar” a literatura, utiliza mecanismos próprios para expressão da poeticidade textual, como cenários, posição de câmeras, cores, música, entre outros aspectos.

Assim, inseridos no contexto de ensino, percebemos nessas duas formas de expressão da linguagem (literatura e cinema) um caminho capaz de oferecer, aos aprendizes, de uma língua estrangeira, por exemplo, subsídios para uma melhor formação literária, como elemento prazeroso e dotado de múltiplas dimensões: subjetivas, sociológicas, etnográficas, históricas, dentre outras (SILVA, 2008).

Ressaltamos, também, que esta é uma proposta de pesquisa que está em andamento em nível de mestrado; logo não temos conclusões específicas acerca do tema

abordado, apenas apresentamos as principais linhas de raciocínio que orientaram a elaboração à execução da pesquisa e nossas hipóteses para seu andamento.

1. Literatura: materialidade da subjetividade social e ensino

Ao propormos discutir a relação entre o ensino da literatura e o cinema enquanto adaptação e elemento paratextual, julgamos importante que nos posicionemos acerca de alguns conceitos e características que permeiam o texto literário em sua materialidade. Assim, para traçarmos as exposições iniciais deste estudo, nos utilizamos dos conceitos de Candido (2010) e Séoud (1997) sobre o texto literário e a estreita relação que este mantém com a língua, e para esta relação, especificamente utilizamos os conceitos de Bakhtin (2010), para quem a língua é dotada de aspecto ideológico, ou seja, se constitui enquanto semiose. Estas influenciarão sobremaneira a relação supracitada e sua implicação para o ensino, sobretudo em contexto de língua estrangeira.

Ao considerarmos a literatura como fator social, julgamos necessário considerar também e antes de tudo a língua como tal, pois ela é quem estrutura aquela com suas regras, enquanto código, materializando as ideias oriundas de um produto social, inscrito discursivamente na história.

Sobre a estreita relação entre a língua e a literatura, aquela enquanto materialidade linguística que a estrutura ideologicamente trazemos, então, o exemplo do linguista Dominique Maingueneau (2011) em depoimento sobre a relação que ele, enquanto linguista, mantém com a literatura. Para tanto, ele afirma que “longe de ser um ornamento contingente, a literatura participa da construção da língua. (...) a produção de enunciados de qualidade dá qualidade de língua. (...). (MAINGUENEAU, 2011, apud, BRAIT, op. cit. p. 29-30)”. Dessa forma, ele reafirma o fato de a literatura ser uma das mais belas e mais bem elaboradas manifestações da língua, a qual lhe confere a propriedade de ser um produto social que está inscrito na história, mas que também se constitui em signo, -toma-se, aqui, o conceito de *signo*, de Bakhtin (2010)- e que confere à literatura a propriedade de se inscrever no tempo e no espaço enquanto materialidade linguística.

Logo, tomando como base os estudos de bakhtinianos acerca da linguagem, consideramos a literatura uma semiose, porquanto ela é ideológica e remete a algo fora de si mesma. Ela, então, se constitui enquanto construção artístico-simbólica, materialmente estruturada em um objeto físico, e faz parte de uma realidade material, refletindo e refratando, porém, em outra realidade fruto da criação do escritor, embora tenha sua inspiração no real. Assim, “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN, 2010, p. 36), ela é o fenômeno ideológico por excelência e as palavras, por sua vez, se combinam para estruturar o texto literário.

Dessa maneira, ao tomarmos a literatura como uma grande semiose, entendemos que esta materialidade se torna possível devido à estruturação da obra literária através dos signos, os quais entram no domínio da ideologia e, conseqüentemente, adquire um valor social. Contudo, só se pode ler aquilo que foi convencionalizado socialmente com um determinado valor estabelecido socialmente, ou seja, de relevância para a comunidade na qual a obra circula. Assim, entendemos que para a obra literária ter relevância social, é preciso haver um acordo circunscrito ideologicamente entre os falantes de uma língua. Se a palavra, então, se estrutura como signo, e é o modo pelo qual a literatura dá vida aos seus enredos, traçamos algumas considerações concernentes à literatura como fator social, com base nos estudos de Candido (2010), para melhor compreendermos em que medida e como a literatura e a vida social estão implicadas e como a língua, enquanto signo ideológico, estrutura esta materialidade artística.

Segundo Candido (2010), ao analisarmos uma obra literária, não temos a presença do social em importância de causa ou significado, mas em importância de elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura tornando-se, portanto, interno. Dessa maneira, o fator social não é visto como algo fora da obra artística, mas se amontoa à literatura de tal modo que se constitui como fator internalizado. Assim, a arte se torna social por dois aspectos: primeiramente, por que ela “depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; segundo, por que produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando à sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando, neles, o sentimento dos valores sociais” (CANDIDO, 2010, p.30). Dessa forma, a obra artística surge como fruto da iniciativa individual do artista e das condições sociais sob as quais ele está inserido.

Como exemplo clássico dessa relação entre a literatura e a vida social, temos a literatura resistente, sobre a qual exemplificamos, especificamente, a francesa. A escrita de Vercors, autor francês que se engajou na luta resistente durante a Segunda Guerra Mundial, relatou veementemente as tiranias da ocupação nazista na França, e através dessa literatura, que era distribuída em formato de folhetim, de maneira clandestina, ‘convocava’ o povo francês para Resistir a Hitler e a toda a filosofia da ocupação alemã.

Assim, enquanto procurava relatar a maneira vivida pelos resistentes franceses da época, através de histórias fictícias, buscava influenciar uma conduta no povo, conduta de renegação, de não aceitação aos modelos estabelecidos por aquele que dominava ou, de alguma maneira, exercia poder sobre a sociedade. Aí temos um artista que, através de um impulso, de uma necessidade interior dá vida a escrita da literatura, orientando-a segundo as investidas de sua época, escolhendo o tema da resistência (sobretudo, velada no silêncio), agindo sobre o meio de maneira veemente, por ter um fim ideológico, específico.

Nesse sentido, deve-se investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais, no qual, os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação. Assim, a arte só está acabada, enquanto sistema simbólico de comunicação inter-humano, quando repercute e atua sobre o meio.

Entretanto, não é só com fins práticos que a literatura acontece. Embora as considerações das forças sociais que atuam na obra literária se apliquem a outros tipos de obras, estas não serão escritas com um fim específico de agir praticamente sobre o meio. É possível que o escritor, embora influenciado pelo meio e pelos fatores socioculturais de sua época, escreva apenas para o deleite daqueles que o lerão, exercendo sobre seus receptores não mais que o prazer da leitura de seu texto.

1.2. O estudo do texto literário em contexto de línguas estrangeiras

A sala de aula de línguas estrangeiras pode ser considerada um dos espaços mais propícios para o estudo do texto literário, pois nesse lugar se torna possível trabalhar diversos fatores que são incitados pela literatura, sobretudo, o cultural que é intrínseco da língua.

Como vimos acima, o texto literário não está dissociado da língua, uma vez que esta o estrutura, dá forma e mantém com a realidade uma relação ideológica. Entretanto, tais fatores podem configurar empecilhos para a compreensão da obra literária, pois o aprendiz de uma língua estrangeira pode encontrar como barreira o código linguístico, bem como a cultura que está implícita no texto literário.

Sobre os pontos acima citados, Séoud (1997) considera que o ensino da literatura, em contexto de língua estrangeira, não pode ser um ensino voltado ao saber

sobre a literatura, nem voltado à literatura enquanto pretexto para se estudar outras coisas, como os aspectos gramaticais, por exemplo. É interessante que se alie a cultura ao ensino da literatura, pois ela é, segundo o autor, um fator de traição, mas é também o terreno favorável e propício à expressão intercultural. Sobre tal fato, o autor afirma que

“Le texte littéraire, par définition, dépasse toute contingence, celle de l’ici et maintenant. L’écrivain écrit pour l’éternité, et Henri Besse fait remarquer pertinemment qu’on ne lit pas un journal vieux d’un an mais on prend plaisir à lire tel écrivain de l’Antiquité. Cette qualité, le texte littéraire la doit à sa polysémie, à sa richesse inépuisable de sens, qui fait que, par-delà l’espace et le temps, par-delà même parfois les frontières de la langue, il peut parler à tout le monde. (...) La littérature, le contact avec les textes, grâce à leur polysémie, est le terrain le plus favorable, le plus propice à l’expression interculturelle” (SÉOUD, 1997, p. 15)

Este contato do aprendiz de língua estrangeira com o texto literário se faz importante por colocá-lo em vivência com outras culturas, neste caso, especificamente, com a cultura da língua alvo, fornecendo-o conhecimento de modos de vestir, se portar, hábitos culinários, não só do tempo presente, como de outros períodos históricos, dependendo da época em que o texto foi escrito. Em outros aspectos, esta propriedade atemporal da literatura a torna dotada de significados especiais, que nos faz enxergar a nós mesmo enquanto cidadãos e nos reconhecermos identitariamente a partir do conhecimento do outro.

Ao atentarmos para as considerações feitas por Pinheiro-Mariz (2007), sobretudo, no tocante aos estudos interculturais possibilitados pelo estudo do texto literário, observamos como uma didática própria para este tipo de texto se faz necessária, em especial, no domínio das línguas estrangeiras. Ao expor sobre a materialidade dessa relação, a pesquisadora ressalta a importância da sensibilização do aprendiz para a leitura do texto, de maneira que desperte nele o interesse pela literatura. Para isso a arte literária não pode ser vista como um obstáculo, mas como fonte de prazer e deve ser levada à sala de aula em “doses homeopáticas”, a partir de uma relação na qual o professor questione os aprendizes, levando-os a alcançarem os significados do texto. Entretanto, ressaltamos que não acreditamos que ao texto literário caiba qualquer tipo de interpretação, por isso é sempre bom o professor ter seu ponto de vista e um vasto conhecimento crítico sobre a literatura.

Estreitando a relação entre a literatura e o intercultural, o mesmo estudo ressalta que, ainda, que em contexto de Francês Língua Estrangeira (FLE), a literatura quando é vista como marca peculiar de cada sociedade traz consigo a possibilidade para que aprendizes e professores descubram-se a si mesmo, diante do conhecimento do outro. Tal fator é possível porque

Os textos da literatura são também documentos de importância, que estimulam discussões sobre valores, respeito, honestidade, solidariedade, além de favorecer um ambiente propício para se conhecer e respeitar a opinião do colega de sala (PINHEIRO-MARIZ, 2007, p.182).

Assim, abrem-se vários caminhos, para que o aprendiz perceba, nas palavras de Silva (2008) “a importância da leitura literária para si mesmo, observando que seus efeitos permanecem provocando mudanças ao longo de sua vida”. Portanto, “no desenvolvimento da leitura literária, a magia do texto faz o leitor compreender o que

não compreenderia na vida comum e perceber a si e ao outro em suas múltiplas dimensões: subjetivas, sociológicas, etnográficas, históricas etc.” (SILVA, 2008, p. 46). Estes fatores são, assim, possíveis de ser desenvolvidos em meio a todos os tipos de aprendizes, desde os de língua materna, até os de língua estrangeira (LE), desde que se tenham métodos apropriados para cada tipo de situação. Entre os meios de possibilidades para tal realização, temos a presença do cinema, ponto que abordaremos a seguir.

2. Considerações sobre o cinema e a tradução inter-semiótica

Antes de iniciarmos a discussão sobre as possibilidades do trabalho do cinema na sala de aula de língua estrangeira, é importante que tenhamos em vista três conceitos que precisam ser esclarecidos para melhor se compreender a sistematização do trabalho dessa arte voltada à didática de línguas e da literatura: o conceito de cinema, de filme e de adaptação fílmica.

Poderíamos simplificar essa discussão e dizermos que o cinema é algo macro, que engloba a produção fílmica e representa a realidade na qual está inserida. Mas, essa discussão não é tão ingênua e não pode ser reduzida à simples mimese da realidade. A sétima arte, enquanto realização social está, assim como outras formas de arte, a favor de uma classe que o produz, transmitindo valores, ideais, representando uma realidade relativa que nem sempre é a realidade daqueles que o apreciam.

Sobre alguns aspectos do cinema, Bernadet (2006) faz importantes considerações ao defini-lo. Inicialmente, o autor ressalta o fato de que o cinema não reproduz, de fato, a visão humana da/sobre a realidade. O que acontece na ‘telona’ é uma imposição da realidade, com tom de verossimilhança devido aos movimentos que faltaram à pintura ou à fotografia, para que estas formas de arte tivessem, também, o tom verossímil que o cinema tem. Assim, ao vermos um filme, somos tomados por uma realidade que nos é imposta e sobreposta, e durante aquelas duas horas, em média, de produção, somos levados a vivenciar as angústias e realizações dos personagens que vivem a narração filmográfica. É justamente, por essa concatenação de personagens, que o cinema não pode ser definido como a própria realidade, segundo afirma o pesquisador:

Dizer que o cinema é natural, que ele reproduz a visão natural, que coloca a própria realidade na tela, é quase como dizer que a realidade se expressa sozinha na tela. Eliminando a pessoa que fala, ou faz cinema, ou melhor, eliminando a classe social ou a parte dessa classe social que produz essa fala ou esse cinema, elimina-se também a possibilidade de dizer que essa fala ou esse cinema representa um ponto de vista. Ao dizer que o cinema expressa a realidade, o grupo social que encampou o cinema coloca-se como que entre parênteses, e não pode ser questionado. (BERNADET, 2006, p. 19-20)

Com esta noção do que seja tal arte, - uma combinação de efeitos fotográficos, cenográficos, de personagens que conferem um tom verossímil a uma realidade representada -, já é possível perceber uma grande realidade material com o texto literário. Assim, em relação ao cinema, é muito mais importante, para muita gente, o que dizem os filmes, o que eles representam, o seu conteúdo, do que saber se ele representa ou não a realidade. Somada a esta noção, temos o fato de o cinema, enquanto mercado, que ao se apropriar de uma linguagem própria, propagou-se através das possibilidades de reprodução e ganhou força de dominação ideológica e comercial.

Em diálogo com essa materialidade do cinema na sua perspectiva mercadológica e reprodutora, temos mais uma vez o mesmo tipo de representação na literatura, que se concretiza na figura do livro, o qual oferece as mesmas possibilidades mercadológicas do cinema, com a diferença de não apresentar uma imagem terminada, pronta para ser consumida; mas, por construí-la e reconstruí-la no imaginário do receptor da obra literária, a cada leitura que ele realizar dela.

Assim, o cinema é sim uma indústria que produz filmes, mas que é estruturado a partir de ideologias e visões de mundo daqueles que o fazem, de maneira que ajudam a direcionar a leitura dos que recebem as suas imagens, que embora prontas, representam uma realidade que não é natural e que é ideologicamente construída.

Partindo de tais considerações acerca do que seja o cinema, surge o filme enquanto adaptação da obra literária, o que para muita gente parasita a literatura, a exemplo de Virgínia Woolf, para quem o cinema deveria inventar sua própria forma de fazer, deixando de lado a obra literária. Existem ainda aqueles que pensam que a obra adaptada desfaz a obra literária, levando ao público espectador uma visão deturpada da do texto literário. Entretanto, para elucidarmos um pouco sobre a adaptação em sua materialidade fílmica, discorreremos, pois, sobre o conceito de tradução inter-semiótica.

O conceito supracitado encontra-se, inicialmente, em Jakobson (2007), para quem o significado de um signo linguístico é sua tradução por outro signo, que lhe pode ser substituído, e que seja desenvolvido mais completamente. Para tanto, o linguista faz a distinção de três maneiras de se traduzir ou interpretar um signo verbal, quais sejam:

- A tradução intralingual ou reformulação, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua;
- A tradução interlingual ou propriamente dita, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua;
- A tradução inter-semiótica ou transmutação, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais.

Assim, ao considerarmos a adaptação fílmica enquanto tradução inter-semiótica, retomamos a noção inicial de que a literatura constitui-se como uma semiose e que é transmutada para tela, outra semiose, a partir da visão do roteirista e diretor do filme. Logo, temos aí a representação da obra, através do olhar de alguém, para um meio semiótico que é dotado de linguagem própria como iluminação, gestos, cenários, etc.

É neste ponto que entram as famosas discussões sobre a característica de o filme ser melhor ou pior que o livro. Tal debate nos parece se algo ultrapassado, uma vez que a obra literária não vai à tela para ser representada tal qual foi escrita, mas antes de chegar ao produto final passa pela leitura de seu roteirista, de um diretor que irão implantar a obra final de sua adaptação, de suas visões de mundo, as impressões causadas pelo livro no qual se inspiraram, além desses dois meios constituírem-se em semioses diferentes, com linguagens e métodos próprios.

2.1. O ensino da literatura e a adaptação fílmica: uma possibilidade

O ensino da literatura, nos últimos anos, ganhou um olhar mais atento, especialmente, no tocante às metodologias adotadas para que o texto literário ganhe vida nas salas de aulas, de maneira que a metodologia saia, definitivamente, do velho ensino de história da literatura, há muito combatido entre os pesquisadores da área. Assim, procuramos sempre que o texto literário seja o eixo principal do trabalho escolar, para que o aprendiz sintam-se instigado a aventurar-se nele de maneira prazerosa. Entretanto, para conseguirmos tal feito, é necessário despertar no aprendiz a curiosidade para que ele adentre ao texto.

Para despertar o interesse e motivação dos aprendizes, aconselha-se que o professor oriente-os, que a escolha do texto seja livre, sempre de acordo com a faixa etária e o perfil daqueles que irão imergir no mundo da literatura. Entretanto, não se leva em consideração ou pouco se considera a questão da pré-leitura do texto, de maneira particular, no tocante ao texto literário em aula de língua estrangeira. Ao focarmos em tal contexto de ensino, cabem algumas considerações a respeito do processo de leitura, pois os aprendizes não estão em contato, apenas, com um novo modo de se dizer as coisas, algo que é tão explícito na linguagem literária e seus mecanismos figurativos, mas com um código que não lhe é o habitual, e imbricado nele a cultura, que também não é a sua.

Retomando, então, os estudos de Pinheiro-Mariz (2007) sobre o trabalho do texto literário em contexto de FLE, entendemos que este processo se fundamenta basicamente na compreensão da escrita, e para que tal competência tenha considerável êxito, a pesquisadora considera três operações fundamentais que são necessárias para o bom entendimento textual, as quais são elencadas por ela:

- antecipar, que configura-se no momento de antecipação à leitura do texto;
- identificar, que é a leitura propriamente dita, na qual os aprendizes irão identificar o texto, num processo tradutório que pode ser intralingual ou interlingual;
- verificar, momento de pós-leitura, onde os aprendizes verificam os outros dois momentos estão em consonância com a mensagem transmitida pelo texto literário.

Sobre estes três momentos, elencados por Pinheiro-Mariz (op. cit.), destacamos o processo da antecipação à leitura, propriamente dita, do texto literário, momento sobre o qual julgamos necessário um bom preparo, particularmente, em contexto das Línguas Estrangeiras (LE). É nesta ocasião que o filme entra como elemento propiciador e “facilitador” da leitura.

3.1. A adaptação fílmica e seu uso como paratexto

O uso do filme como paratexto recai sobre o primeiro momento do contato dos aprendizes com a obra literária, antes de eles serem levados à leitura do texto literário propriamente. Segundo G. Genette (1984), toda informação que se tem antes de adentrar a leitura da literatura, configura-se em paratexto, pois eles mantêm uma relação menos explícita e mais distante da obra, sendo, pois o título da obra, as notas de rodapé, as imagens que se tem do texto, alguma resenha do texto, etc.

Ao adentrarmos com o cinema nesta fase de leitura, pressupomos que o filme, enquanto obra de adaptação, leva consigo as informações supracitadas, de modo que além de trazer os elementos da obra literária propriamente dita, leva consigo algumas particularidades como informações adicionais que os diretores lhes acrescentam: falas, personagens e suas emoções, por exemplo. Tais elementos possibilitam tornar a leitura mais fácil, de maneira que os alunos partirão para a compreensão do texto escrito (que se configura na fase do ‘identificar’) com um conhecimento prévio dele, que foi transmitido de maneira leve e sutil: através do filme. Isso desfaz a visão de aula de literatura como coisa chata, historiográfica, mas ela passa a ser um evento que tem como princípio a diversão.

Embora o filme seja utilizado neste espaço da aula como elemento paratextual, em tom de leveza, não faz dele mero pretexto para trabalho da literatura, pois não se exclui aí o trabalho cultural, que nas palavras de Napolitano (2011), ajuda a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no

qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte.

Quando pensamos na obra adaptada, tais possibilidades ficam ainda mais evidentes uma vez que podemos analisar a exploração das duas formas de linguagem: a fílmica e a literária, de modo que se investiguem os recursos e dispositivos que o diretor, o roteirista e os atores utilizaram para se expressar, como estes recursos se encontram na obra; pode-se adentrar à articulação mais aprofundada entre o filme e o contexto sócio histórico e se olhar, de maneira descontraída, mas atenta, como essa expressão acontece no texto literário; estudar as modificações sofridas pelo texto ao ser transformado em filme, as falas que os aprendizes acharam importantes e que não estão em uma obra ou em outra; enfim infinitas possibilidades de se juntar as duas semioses num só momento. Toda essa discussão que pode começar em um tom ingênuo, sem grandes pretensões, pode afunilar-se à compreensão textual e discussões mais específicas sobre a obra literária, de modo que as discussões iniciais propiciem o desenvolvimento destas, quase ‘espontaneamente’.

Ao se falar dessa possibilidade no campo das línguas estrangeiras, o cinema faz com que os aprendizes, antes de entrar no texto literário familiarizem-se com a obra literária, sobretudo se for de época e cultura muito diferente da sua, com a linguagem e com fatos que não são do seu conhecimento. Além disso, abre a possibilidade de se fazer a tradução intralingual e interlingual, através de termos que podem ser vistos nos filmes através das falas das personagens e, através da legenda, leve a uma melhor compreensão do texto literário no momento de sua leitura.

Dessa maneira, percebemos que não é impossível explorar essas duas linguagens, fazendo crível que o aluno leia a obra literária sem, entretanto, encarar tal fato como algo enfadonho, mas com a mesma possibilidade de prazer que o filme pode trazer, sobretudo quando associado a ele.

Uma pergunta, no entanto, que pode ser feita é a respeito da possibilidade de não se encontrar uma adaptação da obra que se precisa ler para o cinema. Ora, é óbvio que muitos textos literários ainda não passaram para esse outro meio de semiose e, provavelmente, nunca vai passar. Contudo, como falamos aqui do filme como paratexto, outros filmes podem direcionar o olhar do aprendiz sobre a época em que a obra literária foi escrita, com personagens históricos importantes, desde que estes tenham relevância para a obra literária; e, assim, possibilite maior compreensão de um determinado texto literário através de informações que são antecipadas ao momento da leitura, mas que se somam a ele para melhorar a compreensão.

Conclusão

Podemos perceber, a partir das considerações feitas ao longo deste trabalho, como a língua, enquanto estrutura social apresenta várias possibilidades de trabalho, sobretudo, nas semioses que movem a imaginação humana.

Ao falarmos do cinema e da literatura enquanto meios de representações ideológicas, estamos falando, também, da possibilidade de fazermos nossos alunos pensarem criticamente sobre a realidade que os cerca, fazendo-os se compreender enquanto sujeitos modificadores da realidade, enquanto produtores de cultura.

Se pensarmos no contexto das línguas estrangeiras, vemos como essa possibilidade de ensino desenvolve no aprendiz a capacidade de compreensão da cultura do outro, que em princípio se apresenta territorialmente distante da sua e o faz compreender o estrangeiro, que no primeiro momento pode se apresentar de maneira

estereotipada, que ao se tornar familiar para ele, se torna menos estrangeira e mais compreensível.

Além das possibilidades de compreensão cultural, percebemos que ao aliarmos o cinema e a literatura, instrumentalizamos os aprendizes para que se tornem consumidores de arte, porém críticos acerca daquilo que eles entendem como realização artística, incitando-os a leitura da literatura a partir da mediação fílmica.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BERNADET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 29-30.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 11ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris : Éd du Seuil, 1982.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

PINHEIRO-MARIZ, Josilene. *O texto literário em aula de francês língua estrangeira (FLE)*. São Paulo: USP, 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SÉOUD, Amor. *Pour une didactique de la littérature*. Paris : Didier, 1997.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Maria Valdênia da. *Motivações para a leitura literária no ensino médio*. In PINHEIRO, Hélder; PEREIRA, Jaquelânia Aristides; SILVA, Maria Valdênia da; ARAÚJO, Miguel Locádio. *Literatura e formação de leitores*. Campina Grande: Bagagem, 2008.